

O PROCESSO DE ENSINAGEM NO GRAU SUPERIOR SOB O PRISMA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: reflexões indispensáveis

Luiz Carlos dos Santos¹

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de discutir a relação professor-aluno no processo de ensinagem, no grau superior. A tipologia metodológica quanto aos objetivos enquadra-se na categoria exploratória, valendo-se de fontes bibliográfica e eletrônica que, numa abordagem qualitativa de revisão, elucida a temática de maneira articulada - como aprender para a vida, aprender a aprender, aprender a pensar crítico e aprender a conviver com os outros. Os estudos apontaram que a relação professor-aluno é uma ligação que tem um caráter especial e marcante, na medida em que se pode aperfeiçoar os objetivos dos estudantes universitários, futuros profissionais no mercado de trabalho e efetivos cidadãos do mundo da informação e do conhecimento.

Palavras-chave: Relação professor-aluno. Grau Superior. Produção do conhecimento. Práxis pedagógica. Transformação social.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno educativo é complexo e abrange diversos aspectos que, inter-relacionados, contribuem para a construção do processo de ensinagem. Nesse processo, alunos e professores deparam-se frente a frente, numa relação em que o principal não é o ensino, mas a aprendizagem.

Algumas variáveis abrangem a supramencionada relação no ensino superior: a prática pedagógica do professor universitário e as necessidades de se rever a didática que é oferecida aos estudantes desse nível de ensino. Os estudos que têm tratado sobre a relação professor-aluno no *locus* universitário defendem a tese de que neste ambiente institucional existe uma ordem de ministrar aulas, que pode ser a dos currículos, das diretrizes, dos regimentos e/ou estatutos e a ordem dos discursos (HARDT, 2006).

Há muito tempo, questiona-se o modelo de ensino que é praticado nas Instituições de Ensino Superior (IES). Em uma publicação de Pedro Demo é admitido que nas universidades

¹ Bacharel em Ciências Contábeis (UFBA); Bacharel em Direito (UFBA); Licenciado em Administração (UNEB); Tecnólogo em Administração Hoteleira (IFBA, ex-CENTEC); Especialista em Administração Tributária (UCSAL); Mestre em Educação (UQAM-Canadá); Doutor em Ciências Empresariais (UMSA); Doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano (UNIFACS); Professor Pleno da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atuando no Departamento de Ciências Humanas (DCH), *Campus* I e cooperando no Departamento de Educação (DEDC), *Campus* XIII; Membro efetivo do Conselho Editorial da Editora da Universidade do Estado Bahia (EDUNEB), representante da grande área das Ciências Sociais Aplicadas; Avaliador “ad hoc” Institucional e de Cursos do INEP/MEC; auditor fiscal do Estado da Bahia aposentado; e-mails - lcsantos722@gmail.com; lcsantos@superig.com.br; site: www.lcsantos.pro.br

há uma rotina perigosa em que os professores fazem de conta que repassam conhecimento por meio de aulas, mantendo os alunos como receptáculos mais ou menos passivos.

Numa demonstração de inconformismo com essa realidade, Demo (2004, p. 12) enfatiza que:

Os alunos não comparecem para participar do processo de reconstrução do conhecimento, mas literalmente para escutar aulas, tomar nota, memorizar e regurgitar nas provas. Em entidades privadas a pressão é ainda maior: muitos alunos dizem na cara do professor que é pago para dar aulas e que o aluno quer aula e ser aprovado. Precisamos entender urgentemente o quanto isto é procedimento imbecilizante, fútil e inútil. Não se trata de acabar com a aula, mas de colocá-la no seu lugar: é didática auxiliar, supletiva, da ordem da informação e motivação. A aula não implica necessariamente aprendizagem [...] confundiu-se, totalmente, aula com aprendizagem.

Assim, as universidades brasileiras precisam repensar a sua missão quanto à relação professor-aluno no interior da sala de aula. E quão é relevante refletir-se sobre essa relação na formação de cidadãos!

Nesta perspectiva, afirma Rangel (2005, p. 85):

[...] quanto melhor, mais clara, mais “didática”, mais explícita, mais objetiva e mais orientadora for a comunicação, mais efetiva será a metodologia, ou seja, existe uma relação direta entre qualidade da comunicação e o resultado do processo metodológico.

A produção do conhecimento, sendo uma das finalidades das IES, é dinamizada mediante processo de ensinagem que, como tal, se realiza em situação social, pois tanto a informação e o conhecimento são construídos socialmente, como os processos metodológicos são estabelecidos na relação dialógica entre os sujeitos envolventes do conhecimento: o professor e o aluno.

Na educação atual são valorizados três tipos de saber: o saber dizer relacionado à aprendizagem de conceitos, informações; o saber fazer relacionado à aprendizagem de procedimentos; e, o saber conviver relacionado à aprendizagem de valores, normas e atitudes. Esta última aprendizagem tem a sua importância no cotidiano, tendo em vista a função do desafio que é conviver com as diferenças em sociedade.

Nos meios acadêmicos, saber conviver é querer incluir e incluir-se na relação professor-aluno, na relação professor-coordenador, na relação coordenador-alunos e na relação alunos-alunos e entre esses sujeitos e a sociedade. É poder conviver com o jogo das diferenças expressas na lógica da inclusão (SANTOS, 2007, p. 44).

O professor universitário tem uma proposta pedagógica, os alunos têm outra, o coordenador do curso pensa de outro modo ainda, e acima de todas essas confluências existe a

proposta pedagógica do ensino superior da Instituição em que atuam esses sujeitos. E aí? Como encontrar um denominador comum que expresse a missão desta Instituição? Como encontrar uma razão comum em tempos em que as pessoas têm direitos de expressar seus pontos de vistas, seus pensamentos, seus interesses? Tem-se que trabalhar com eles.

Na universidade, não é possível ficar sozinho, tem-se de conviver com colegas, com alunos, com coordenadores, com poderes instáveis. Por isso, o desafio é o saber viver com a diversidade na ambiência acadêmica. É um desafio que demanda uma série de sentimentos e valores, atitudes e habilidades. O professor nesta perspectiva deve se valer da tridimensionalidade da didática atual: ter domínio técnico da sua área de conhecimento, valorizar as características humanas de sua prática em processo de comunicação com qualidade; caso contrário, não há como falar em educação com qualidade, pois já dizia Paulo Freire (2005, p. 96) “sem diálogo não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”.

Com o fito de discutir a relação professor-aluno na educação superior, dividiu-se o texto em dois aspectos significantes: no primeiro discute-se as possibilidades da comunicação na dinamização da sala de aula das IES e de como esse processo atinge diretamente as opções metodológicas do professor universitário; e, no segundo, analisa-se as consequências desse processo de comunicação na qualidade das relações professor-aluno e aluno-professor no *locus* da formação superior.

2 COMUNICAÇÃO, ENSINO SUPERIOR E PROCESSO METODOLÓGICO

Na educação superior, como também na educação básica, a dinamização essencial e o essencial da dinamização da sala de aula estão intrinsecamente dirigidos na relação insubstituível entre pessoas que se comunicam e comunicam o conhecimento. Assim, para que o processo de ensinagem aconteça, o fator comunicação prescinde de fatores metodológicos. Assumir-se enquanto um ser político inserido no cenário de contradições sociais em que é permeada a sociedade vigente.

Cabe ao professor universitário a coordenação do processo ensino-aprendizagem ou processo de ensinagem. Ele deve assumir-se no papel de sujeito histórico de transformação da realidade universitária, articulando à realidade social mais ampla. Nunca é demais relembrar que este ser professor não está pronto, mas em permanente construção. Como já alertava o filósofo Sócrates, um dos grandes inimigos da verdade é a arrogância daqueles que não reconhecem sua necessidade de saber mais.

Assim, tem-se no terreno das diferenças, visto no meio universitário, os alunos com seus saberes e experiências e os professores que, além dos saberes da própria experiência de vida, tem também o domínio do saber organizado e sistematizado, sob a forma acadêmica e em virtude dela, na cultura e nas ciências. Desta forma, Marques (1995) confrontam-se, assim, em revelação criadora, os saberes dos professores com a situação problematizadora dos alunos, uma força ativa interrogante.

3 O PROFESSOR COM O ALUNO E O ALUNO COM O PROFESSOR

Acredita-se que essa é a principal necessidade que a relação professor-aluno deve ter, ou seja, o professor não deve trabalhar para o aluno e nem o aluno abdicar todos os saberes que lhe são passados pelo professor. O conectivo dessa relação inevitável é “com”; isto é, o professor trabalha com os alunos e estes trabalham com o professor.

Em outras palavras, o professor deve ser o aluno como o sujeito de aprendizagens, pois o processo de ensinagem começa quando professor aprende com o aluno, quando este mesmo professor valoriza na sua prática de sala de aula aquilo no qual o aluno aprendeu, cuja aprendizagem é permeada de interesses, experiências de vida e de posturas comportamentais, ideologias e características pessoais que necessitam ser conhecidas, respeitadas e valorizadas.

Se estabelecer na docência superior é buscar uma permanente autorreflexão da sua práxis pedagógica. Marques (1995) enfatiza que a docência competente somente configura-se na prática persistentemente inquirida pela reflexão pessoal e pelo discurso argumentativo na comunidade da profissão, de forma a tornar-se práxis de vida. A ideia é que o professor na lide universitária perceba que essa práxis somente será legítima se nela transversar o princípio da pesquisa, ou seja, perceber a ligação profunda entre saber pensar e a cidadania. “A glória do professor é o aluno que sabe pensar para melhor intervir” (DEMO, 2004, p. 13).

A compreensão da docência e a necessidade de uma práxis pedagógica somente terão legitimidade se fizer referência e articulação à aprendizagem dos alunos, por isso que na relação professor-aluno é evidenciado muito mais o processo de ensinagem dos sujeitos cognoscentes (educador-educandos), transformando essa formação em expectativas como aprender a conviver com os outros. Tais habilidades que ultrapassam as exigências do mercado de trabalho.

Um outro ponto para que haja produção de conhecimentos entre esses sujeitos cognoscentes está ligado na variável dialogicidade, ou seja, o professor não ensina senão na medida em que os alunos aprendem. É uma relação dialógica, de complementariedade. Como

se diria o grande educador Paulo Freire (2002), não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Colaborando nessa discussão, Marques (1995, 58) entende que:

Não há, de fato, docência, ela não é cumprida, sem a efetiva aprendizagem por parte dos alunos; mais ainda, sem que por meio dela também o professor aprenda na relação dialogal com o outro. Não se ensinam ou aprendem coisas, mas relações mediadas pela interação humana e estabelecidas no entendimento mútuo. Trata-se de reinventar, em cada situação e para cada comunidade se os sujeitos, os conceitos com que operarão professores e alunos, sobre os temas conjunturalmente por eles postos à mesa comum da discussão.

Mas, isto só terá valor prático se o sujeito professor interiorizar um valor necessário à sua profissão: a paixão pela educação do homem. Sem este sentimento não se faz sentido a finalidade da educação. Ver no aluno um sujeito em potencial, com capacidades de transformar sua realidade social.

O professor universitário tem talento de transformar os saberes dos alunos em saberes resinificados, pois segundo Fazenda (1994), se estar ou se quer viver hoje na educação um momento de alteridade (como construção/produção de conhecimento) é fundamental que o professor seja mestre, ou seja, aquele que sabe aprender com os mais novos, que ao serem sujeitos com saberes próprios, possam transformar tais saberes em conhecimentos resinificados. Assim, o professor precisa “adquirir a sabedoria da espera, o saber ver no aluno aquilo que nem o próprio aluno havia lido nele mesmo, ou em suas produções” (FAZENDA, 1994, p. 45).

Nessa linha, segundo Amaral (2007, p. 44), “[...] o professor vai sempre enfrentar novos desafios, pois ele trabalha na insegurança. O professor nunca sabe o que vai encontrar na sala de aula”. Ele terá um papel fundamental na relação com o aluno para poder desenvolver uma educação que seja problematizadora e libertadora. E, na melhor nas opções metodológicas, o professor deve sempre lembrar que está formando pessoas para o mercado de trabalho e para um mundo em permanente processo de transformação social, econômica, política, cultural e ambiental.

4 CONCLUSÃO

As IES brasileiras têm crescido muito quantitativamente nessa década e meia; o que se tem percebido é que existe uma demanda muito grande de pessoas com objetivos diferentes

de formação. Quando ingressam na educação superior muitas vezes esses objetivos se cruzam com sentimentos de frustração, desestímulo, medo e outros tantos sentimentos que aprovam àqueles que se percebem com a síndrome do “não é esse curso que eu queria” e, a partir de então encaram novas perspectivas de formação. Não é incomum se ver estudantes universitários que evadem, abandonam ou trancam o curso que escolheram, no momento do processo seletivo. E nesse sentido, não há outro caminho para esses estudantes a não ser escolher um outro curso que estejam mais afinados ou quando muitos casos, o estudante acaba por adiar essa nova escolha no ensino superior.

Essas situações são no sentido de mostrar como as IES estão encarando tais problemas de evasão e trancamento de matrícula de alunos universitários. E se for mais a fundo, percebe-se o quanto se pode mudar esse quadro, começando com as relações traçadas nestes ambientes.

A relação professor-aluno é uma ligação que como diria Paulo Freire tem caráter especial e marcante, pois nele se pode aperfeiçoar os objetivos desses alunos universitários, futuros profissionais no mercado de trabalho e efetivos cidadãos do mundo da informação e do conhecimento.

Para o professor, nesse processo de construção de conhecimento e a busca pela autonomia, são apontadas duas rédeas estratégicas para a vida dos alunos: ministrar aulas e formar profissionais para uma sociedade conservadora, burocrática e efficientista. Uma outra estratégia é formar pessoas com habilidades para reconstruir conhecimentos com autonomia, em nome da e para a autonomia. Segundo Demo (2004) trata-se de gestar cidadãos capazes de mudar a sociedade em nome do bem comum, com qualidade formal, política e ética. Assim, o professor tem que se valer da pesquisa, da elaboração própria, da argumentação, do espírito crítico e da comunicação desimpedida e bem-educada entre o outro sujeito cognoscente desse processo: o aluno.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. M. A relação professor-aluno no contexto universitário: reflexões necessárias. *In: Revista Ciência & Sociedade*, v. 4, n. 4. Macapá: Seama, 2007. p. 39-46.

DEMO, P. **Universidade, aprendizagens e avaliação**: horizontes reconstrutivos. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HARDT, L. S. **Os fios que tecem a docência**. Disponível em:
<<http://www.anped.org/27/gt11>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

MARQUES, M. O. Escola, aprendizagem e docência: imaginário social e intencionalidade política. *In*: VEIGA, I. P. A. **Projeto político pedagógico da escola**: uma construção possível. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

RANGEL, M. **Métodos de ensino para aprendizagem e a dinamização das aulas**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

SANTOS, L. C. **Tópicos sobre Educação [...]**. Salvador: Quarteto, 2007.



LUIZ CARLOS DOS SANTOS
www.lcsantos.pro.br